

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

ROTH (Cecil). — **Pequena história do povo judeu**. São Paulo. 1962. Fundação Fritz Pinkuss. Congregação Israelita Paulista. Tradução de Emanuele Corinaldi. XVI + 180 + 161 + 326 pp.

A presente obra, traduzida do inglês por Emanuele Corinaldi, foi editada pela Fundação Fritz Pinkuss da Congregação Israelita Paulista. Ela é a segunda editada por essa entidade — sendo a primeira o **Shabat** — que vem se especializando na difusão da cultura judaica em língua portuguesa, procurando com isso suprir, e com sucesso, as necessidades culturais da coletividade israelita do Brasil.

Bem andou a Fundação em propiciar a tradução da obra de Cecil Roth, o célebre professor da Cadeira de Estudos Judaicos da Universidade de Oxford na Inglaterra, pois trata-se dum livro que narra a dramática história do povo judaico através dos séculos, desde as suas mais remotas origens até aos nossos tormentosos dias atuais. Como muito bem disse o Autor, a sua **História**

“é algo mais que um registro de perseguição, sofrimento e erudição. Trata-se duma história social...”.

A obra é relativamente recente, pois a sua primeira edição apareceu em 1936, quando o Nazismo já dominava a Alemanha. A segunda surgiu em 1943, em plena Guerra Mundial. A terceira em 1948, quando grande parte do povo judeu que habitava a Europa Central já havia sido exterminada. A quarta foi executada em 1953, quando já existia o Estado de Israel e o povo judeu recobrava o seu antigo lar pátrio.

Cecil Roth, fazendo essas diversas edições, teve a oportunidade de sempre acrescentar alguma coisa ao texto primitivo, principalmente os fatos mais marcantes referentes ao povo judaico. Daí o imenso valor da obra, sempre atualizada, podendo servir para informar grande parte da opinião pública quanto ao sofrimento do povo judaico durante a Guerra de 1939-1945 e depois a sua épica luta para obter a permissão de voltar à Terra Prometida.

A obra foi ainda acrescida com um capítulo sôbre os “Rolos do Mar Morto” que tanta celeúma levantou entre os eruditos e os religiosos, pois envolve o problema de se saber se Jesus esteve ou não ligado aos essênios e ainda o estudo dessa estranha comunidade judaica que se parece curiosamente com muitas aglomerações modernas existentes agora em Israel.

No terceiro volume encontramos ainda, em apêndice, um capítulo sôbre a “História dos judeus no Brasil” de autoria de Salomão Serebrenick. Narrativa muito interessante, que prova como o Brasil está ligado ao povo judaico a muitos séculos, principalmente nós,

---

(\*) — Sollicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (Notação da Redação).

os paulistas, que descendemos daqueles ferosos bandeirantes que queriam receber o Santo Oficio “a frechadas”, como rezam os documentos primevos da nossa cidade, sem dúvida por terem uma grande dose de sangue de “cristão nôvo” nas veias.

O livro de Cecil Roth está dividido em 3 volumes, respectivamente com 180, 161 e 326 páginas. O primeiro volume trata da história de Israel de 1900 a 586 a. C. no seu primeiro livro e no segundo mostra o povo judeu de 586 a. C. até 425 d. C. No segundo volume, no livro terceiro trata da Diáspora de 425 a 1492. No terceiro volume, no quarto livro, estuda o Crepúsculo de Israel de 1492 a 1815; o quinto livro refere-se à Nova Era de Israel, de 1815 a 1962. Nesse volume, como já dissemos, é que se encontram os 2 apêndices, um sôbre os Manuscritos do Mar Morto e o outro sôbre a História dos judeus no Brasil.

A presente obra representa uma das mais proficuas atividades da Fundação Fritz Pinkuss e é uma obra de conteúdo geral, pois não é possível em pouco mais de 670 páginas referir-se a tôda cultura e civilização hebraica, condensar tôda a fôrça e o vigor dum povo que não quis morrer e que com a Bíblia na mão resistiu a tôdas as pressões, vindas dos mais diversos povos e nas mais variadas ocasiões. É uma grande obra, agora traduzida para o português e por isso mesmo não tivemos dúvida em recomendá-la vivamente aos nossos alunos do Curso de História da Palestina, que temos a honra de estar regendo no momento na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em substituição ao grande hebraista, infelizmente doente e a quem rendo as minhas homenagens: o muito querido e conhecido D. João Mehlmann O.S.B.

Concluindo, fazemos votos para que a Fundação Fritz Pinkuss continui com a sua grande tarefa de divulgar a cultura hebraica em língua portuguesa entre nós, fazendo traduzir para o nosso idioma as obras primas da literatura judaica.

#### E. SIMÕES DE PAULA

\*

\* \*

ESTUDOS HISÓRICOS. Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, n.º 1. Marília. Junho de 1963. 205 pp.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, uma das mais prestigiosas entre os Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado, revelou-se mais uma vez pioneira no campo da História no interior do Estado, ao publicar o primeiro número de sua excelente revista *Estudos Históricos* (junho de 1963). O trabalho gráfico e a apresentação são esmerados.

Começa ela por um editorial onde estão explicados os motivos do lançamento da revista, ligando-a ao “espírito de Marília” que presidiu a realização do I Simpósio de Professôres Universitários de História realizado naquela cidade em 1962 e que tanto sucesso alcançou.

Entre os **artigos** enumeramos o do Pe. Carl Laga: “O Engenho dos Erasmos em São Vicente; resultado de pesquisas em arquivos belgas”; o de Olga Pantaleão: “Um navio inglês no Brasil em 1581: a viagem do **Minion of London**”; o de Maria Clara Rezende Teixeira Constantino: “O ideal do conhecimento em História (prolegômenos a uma integração do saber histórico)”.

Na secção de **documentos** Uacury Ribeiro de Assis Bastos estampou um trabalho sôbre: “O diário de Villanueva e outros documentos da Coleção Visconde do Rio Branco”.

Em **Problemas Pedagógicos** aparece o currículo de História no Ensino Superior do país, publicação que está prestando excelentes serviços pela transcrição completa das instruções ministeriais.

Na **Crítica Bibliográfica** José Roberto do Amaral Lapa publica uma apreciação sôbre um livro acêrca do Imperador d. Pedro II: “O Imperador e o cotidiano”.

A revista finaliza com uma secção dedicada à **resenha de revistas** e uma outra contendo o **noticiário** daquilo que possa interessar aos professores de História.

Parabéns, portanto, à nova revista de **Estudos Históricos**, irmã mais moça da **Revista de História** de São Paulo que lhe deseja vida longa e progresso constante.

#### E. SIMÕES DE PAULA

\*

\* \*

PLATTER (Thomas). — **Autobiographie**. Texto traduzido e apresentado por Marie Helmer. Cahier des Annales n.º 22. Livraria Armand Colin, 1964. 144 páginas.

Aos olhos dos especialistas da Reforma e do Renascimento, Thomas Plater não é um desconhecido. Personagens consideráveis na sua época, como os Fugger, Erasmo e, mesmo indiretamente, Margarida de Angoulême interessam-se por êle. Mas a sua **Autobiografia** é coisa que transcende e reflete um período tão rico em novos focos de fermentação. Ela testemunha, de maneira saborosa, a vida dum estudante famélico, simples pastor na sua infância que, devorado pelo desêjo de aprender, chegou cantando e medingando o seu pão, a seguir cursos de escolas famosas, principalmente em Basiléia. Estudou com verdadeiro furor o latim, o grego, o hebraico e atravessou uma crise de consciência que lhe fêz abraçar a religião reformada e depois, após ter sido ao mesmo tempo professor, cordoeiro e impressor, terminou sua vida como burguês com casa própria.

A tradução feita por Marie Helmer é a primeira que se faz de originaes controlados por pesquisas por ela empreendidas e é notável pelo seu conhecimento do alemão e de certos dialetos. Marie Helmer escreveu também uma suculenta introdução, colocando Thomas Platter no quadro de sua época e lançou luz sôbre um pequeno personagem, mas extremamente curioso, do Renascimento.

E. S. P.

\*  
\* \*

ANTZ (Augustus). — **Rheinlandlagen**. Editôra Wilhelm Stollfuss. Bonn. 1961. 174 páginas. 40 desenhos pequenos, ilustrados por Augustus Leo Thiel e Ernst Paul. Não há capítulos, antes, as lendas e mitos se agrupam, observando a situação geográfica, segundo a origem de nascimento.

O livro não se destina a leitores especializados, mas como o próprio autor — Augustus Antz — enuncia. E' dedicado a jovens e ao público em geral. Ele colhe as lendas e mitos junto ao povo, alguns já com séculos de existência, datando da chegada dos germanos nas terras dos rios Reno e Mosela.

A simplicidade dos temas, como: “O quadro gotejante da Virgem”, “As sete belezas do Monte Bonito”, “O servo de Alberto Magno” e muitos outros dá-nos o folclore da Renânia. O autor não se esquece da lenda mais querida para um renano — “A Donzela de Lurlei” — que se liga a uma das mais graciosas curvas do rio Reno, carinhosamente chamado de “O Pai Reno”, pelos alemães.

Na região de Bonn, atual capital da Alemanha, estão as chamadas “Sete Montanhas”. Sobre uma delas existe uma ruína romana. Espessas e altas paredes dizem ter sido ali, um antigo castelo-fortaleza. Com respeito a esta montanha, corre a lenda do Dragão, monstro habitante do inferno. Tirano, exigia da população local uma oferta humana. Sempre, ao cair da tarde recolhia a sua prêsa e a levava para as entranhas infernais. Finalmente, um juvenzinha espanta com sua cruz no pescoço o déspota, e liberta seu povo dêsse tributo desumano. Hoje, o local é ponto de turismo e de lá se avista boa extensão do vale, por onde corre o rio e existem algumas cidades.

O livro não se divide em capítulos, e o material recolhido obedece a um plano geográfico, não geográfico-político, mas delimitado pelos rios Reno e o Mosela. O autor nos leva para quatro zonas: 1.a — Através do Vale do Reno; 2.a. — Através da terra do Eifel; 3.a. — Através da terra do Mosela; 4.a. — Da Cabeça Erbe até as pedras do Conde Reno”.

Através de narrações amenas e com assuntos, ora pitorescos, ora trágicos, dá-nos a alma do povo germânico, com seus terrores diante das fôrças desconhecidas da natureza, a luta pelo cotidiano e o inesperado, surgido do trabalho com a terra, na vida simples de épocas passadas.

**MARIA ZILDA DA CRUZ**